

D ETESTO os equívocos. De-
testo mais ainda as con-
trovérsias em que cada
um fala para seu lado.

E como vejo desenharem-se uma e
outra destas coisas, começo por
fazer algumas rectificações.

O meu «comentário», que **Sol
Nascente** publicou no seu n.º 4,
podia reduzir-se ao seguinte:
1.º) dúvida sobre a vantagem

O sr. dr. Abel Salazar parece
não se ter ainda compenetrado
de que em Portugal tudo o que
é novo provoca imediata e in-
falivelmente a reacção, sob a
forma de insulto, de calúnia e
de troça, dos imbecis de vária
ordem cuja principal caracteris-
tica é arvorarem em dogma a
sua própria ignorância, malevo-
lência e cabotinismo. Succede,

CONTINUANDO A COMENTAR

dum artigo cuja finalidade não
se entendia; 2.º) observações
sobre a falta de seriedade, de
método e de rigôr científicos de
certas passagens do mesmo ar-
tigo; 3.º) reflexões sobre as con-
sequências dessas faltas, e sua
perigosa influência sobre certos
jovens.

A «carta» do sr. dr. Abel Sala-
zar publicada no n.º seguinte
contém: 1.º) uma longa exposi-
ção dos ataques de que tem sido
objecto; 2.º) uma apologia das
disciplinas científicas que tomou
a peito divulgar entre nós.

Ora bem: veja o leitor o «co-
mentário» e a «carta», e, depois
de verificar a exactidão dos res-
pectivos resumos, constatará co-
migo que a «carta» não tem nada
que vêr com o «comentário».
Cito um período deste último:
**«Que o sr. dr. Abel Salazar de-
fenda a Ciência, ou certas ciên-
cias em particular, está muito
bem, e ninguém lhe irá à mão
por isso». Creio que não é pre-
ciso mais para comprovar a falta
de relação da «carta» com o
«comentário» que a provocou.**

Eu falei na maneira, a meu
vêr deficiente, como o sr. dr. Abel
Salazar tem procedido à propa-
ganda de certas disciplinas cien-
tíficas. O sr. dr. Abel Salazar
responde-me defendendo essas
disciplinas científicas. Para mais,
pela sua «carta» se verificou não
terem sido essas disciplinas ata-
cadas por ninguém, como pro-
varei a seguir.

Poderia ficar por aqui, visto
considerar suficientemente de-
monstrado que a nenhuma das
minhas afirmações se responde
na «carta» do sr. dr. Abel Sala-
zar; mas como a «carta» me é
dirigida, acrescento as considera-
ções que ela me sugeriu.

porém, que os ataques que men-
ciona, e que documenta com al-
guns dos jornais que teve a gen-
tilleza de me enviar, constituem
um caso particular, não estan-
do na sua origem a simples rea-
cção já apontada; surge a justi-
ficá-los a necessidade em que
estão os cães de ladrar a quem
não é da casa. Já não se trata de
coisas novas trata-se... do que
muito bem sabe o sr. dr. Abel
Salazar. Ora, quando passa jun-
to do portão de qualquer quinta,
o sr. dr. Abel Salazar responde
ao cão que lhe ladra lá de den-
tro? Não responde, é claro—
passa adiante, pensando que os
ensinaram a ladrar, e que lhe
atiram um osso em paga do ser-
viço. Ora quere-me parecer que
no caso presente o sr. dr. Abel
Salazar dá confiança de-mais
aos... cães, como se os latidos
fôsem vozes. Quando, no meu
«comentário», escrevi: **«Só um
imbecil seria capaz das afirma-
ções atribuídas pelo sr. dr. Abel
Salazar aos... tais»,** fiz afinal
um diagnóstico exacto... embora
não pensasse ter feito senão uma
hipótese. Que nos mostra a «car-
ta?» Que todas as campanhas de
que tem sido vítima não foram
feitas por adversários mas sim
por... inimigos; que os seus au-
tores não analisaram, não críti-
caram as teorias, os sistemas, os
pontos de vista defendidos pelo
ilustre professor, e se limitaram
a... calúnias, insultar e troçar.
E' ou não é assim? Não foi por-
tanto a Psico-Somática, não foi
a caracterologia, não foi a Es-
cola de Viena, não foram idéas
nem sistemas que essa campanha
teve em vista atacar. Elas ser-
viram apenas de pretexto, como
teriam servido quaisquer outras.

O ataque era doutra espécie, e
estranho que o sr. dr. Abel Sala-
zar não tenha dado conta disso,
e os tenha tomado a sério. A
esses plúmptivos, a esses escribas
pagos a tanto por calúnia, não
importava o espirito nem a ma-
téria, nem o espiritualismo nem
o materialismo.

Resumindo: a «carta», e os
jornais enviados, mostram que
tais ataques não eram sérios.
Bom. Porque os tomou então
como se o fôsem? Eis sem dúvi-
da um ponto delicado, e receio
dar a impressão de estar acons-
elhando; longe de mim tão ri-
dícula pretensão! E' certo porém
que me confrange ver que a ca-
lúnia teve efeito, e que S. Ex.º
foi autenticamente ludibriado, a
ponto de se lhe referir, de lhe
responder—como se se pudesse
responder **àquilo!** Pergunta-me:
**«acha isto justo? acha isto le-
gítimo e decente?»** Evidentemen-
te que não acho! Mas acho...
como dizer?... vamos lá: inevi-
tável. Sim, inevitável, fatal. Acho
até... natural.

Espero que o sr. dr. Abel Sala-
zar me acredite se lhe disser que
certas passagens da sua carta
me impressionaram, me... como-
veram, mesmo; principalmente
esta: **«Confesso... que me sinto
desiludido e vexado com tudo
isto. Sai do meu campo de tra-
balho com intuits sinceros e le-
gítimos, e vejo-me de repente no
meio da bambochata pseudo-
intelectual mais grotesca que se
pode imaginar».** Com efeito, o
sr. dr. Abel Salazar dá-me a im-
pressão dum homem que se tí-
nha esquecido de que vivia nesta
santa metrópole da confusão das
idéas com as questões pessoais,
da vida do espirito com as pai-
xões políticas—e que de repente
acorda e não compreende como
pôde motivar semelhante chari-
vari. Pois o mal foi êsse, foi não
ter contado com essas coisas, foi
não ter partido do princípio de
que seria vítima de tais proces-
sos, de tais misérias. O sr. dr.
Abel Salazar caiu—que não me
leve a mal a expressão—caiu da
lua. A «lua» era o seu gabinete
de trabalhador infatigável. Se já
soubesse o que são certos meios
não chegaria, sequer, a dar ou-
vidos à canzoada.

Pôsto isto, acho indispensável
pôr os pontos nos **i** com respei-
to a certas passagens da «car-
ta». Fazendo o que, não faço
senão prolongar e desenvolver
afirmações contidas já no meu
«comentário».

Noto, em primeiro lugar, que,
ao propôr-se ensinar aos portu-
gueses certas coisas que eles
ignoravam, o sr. dr. Abel Sala-
zar desprezou um factor de capi-
tal importância: não teve em
conta as condições intellectuais
do nosso país. Pois estaria êste
preparado para entender o que
lhe era propôsto? Incluída meia
dúzia de especialistas, de quem

p o r A d o l f o